

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO PROPOSTA DE FORMAÇÃO DO LETRAMENTO LITERÁRIO

Autor: Tatiana Soares dos Santos
Co-autor: Maria de Fátima de Souza Aquino

*Universidade Estadual da Paraíba
Centro de Humanidades – Campus III
Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS
profletraschuepb@gmail.com*

RESUMO: O presente trabalho tem como finalidade discutir as concepções de letramento literário construído a partir de um projeto didático executado em aulas de língua portuguesa promovidas no segundo semestre do ano letivo 2017, subsidiando reflexões acerca das questões teórico-metodológicas envolvidas na prática pedagógica. Na execução das atividades colocadas nas aulas, prezamos pelas narrações infantis em atividades de formação da leitura, sobretudo, pelo viés do letramento literário com uma turma de sexto ano do Ensino Fundamental. O propósito foi reconhecer que a prática da contação de histórias funciona como possibilidade de interação com as linguagens orais e escritas, e ainda, promover a motivação com uma atividade prazerosa e inclusiva, uma vez que é colocada sempre em grupos. Na metodologia aplicada procuramos envolver o aluno com a literatura desenvolvendo sua consciência cognitiva e a inserção do mesmo no letramento literário. A saber que a leitura literária compreende instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência a linguagem e sua função nas mais diversas práticas sociais. Nesse sentido, o professor atua como mediador do processo, mostrando aos alunos os caminhos para abordar o texto literário. Colocamos, nesse trabalho, o relato de experiência e discussões acerca dos resultados do projeto suscitando reflexões que podem contribuir de modo eficiente a formar alunos letrados, críticos e proficientes no uso da linguagem.

Palavras-chave: Literatura, Letramento Literário, Contação de Histórias

1. INTRODUÇÃO

Apesar dos inúmeros estudos teóricos sobre educação, ensino e aprendizagem proporem inovações para a educação escolar, é preciso considerar com atenção a dimensão da prática diária que acontece na experiência do fazer pedagógico.

Essa experiência de sala de aula em um meio social caracterizado pela agilidade da mudança, através da facilidade do acesso à informação, tem nos mostrado que o distanciamento entre o jovem e o livro é um problema que pais e escola têm enfrentado na atualidade.

Desse modo, constatamos que a apropriação da leitura literária pelo jovem tem sido um a realidade cada vez mais distante. Por acreditamos que o passo primordial para que o letramento literário aconteça é a motivação, ou seja, provocar a vontade do aluno a entrar no

texto, a escola deve visar construir uma comunidade de leitores como objetivo maior do letramento literário. (COSSON, 2006).

As ideias abordadas na execução do projeto didático, o qual suscitou este artigo, partiu de reflexões acerca da preocupação de formação do leitor literário no fazer pedagógico. Logo, pensamos num projeto que pudesse, além de motivar um comportamento habitual de leitura, agregar também subsídios para o letramento literário, leitura que serve de base para autonomia crítico social.

Diante do exposto, o presente trabalho é norteado a partir das problemáticas, exemplo dos nossos maiores desafios como professores: a) Como o ensino sistemático pode minimizar a falta de interesse do educando em desenvolver a leitura literária de forma prazerosa? Quais práticas podem ser adotadas para que o aluno possa ler atribuindo significado ao texto, de forma crítica, na conquista do letramento literário?

Nesse ângulo, em busca da citada promoção da cidadania, respondemos às inquietações da que permeiam nossa pesquisa propondo as seguintes hipóteses: a) As leituras de obras infantis, por ter caráter, sobretudo, reflexivo a partir de seus ensinamentos, intencionam criar novas possibilidades de motivação para que o aluno possa apropriar-se do conhecimento que lhe é oferecido. b) O processo de leitura literária produzido a partir da leitura de narrações infantis, com um grupo pré-adolescente, funciona como porta aberta ao diálogo sobre questões sociais atuais em sala de aula e leva à prática, a qual se perfaz na vivência sociohumana.

Nesse sentido, almejamos alcançar o que Soares (1999) nos ensina quando diz que o Letramento se faz na efetivação da ação da leitura a partir de seu entendimento e assimilação naquilo que a sociedade pede ao indivíduo.

Nosso trabalho prioriza a *Contação de Histórias* no sentido de fomentar o letramento literário, pois compreendemos as práticas orais de leitura importantes na ampliação do letramento. “Fundamental é que, conhecendo os limites de sua ação, os educadores repensem sua prática profissional e passem a agir objetiva e coerentemente em face dos desequilíbrios e desafios que a realidade apresenta.” (MARTINS, 1997, p. 29).

Para tanto, organizamos objetivos a serem alcançados a partir das metodologias do fazer pedagógico. Primeiramente, compreender como as leituras de obras infantis, através da contação de histórias, despertam novas possibilidades de motivação ao aluno como sujeito leitor. Buscaremos, também, compreender como as questões sociais, tratadas nas obras lidas (contadas), podem ser traduzidas em novos diálogos

críticos-reflexivos em sala de aula como promoção do letramento ao perceber a leitura literária como fruição.

Na perspectiva de promover a discussão acerca de temas de repercussão social atuais com reflexão e criticidade suscitando o letramento, pretendemos, aqui, expor um relato de experiência de atividades com contação de histórias.

2. METODOLOGIA

2.1 Procedimentos metodológicos científicos

No tocante aos **procedimentos técnicos** com a finalidade de obtenção de bases teóricas necessárias ao entendimento do que se estuda (PRODANOV, 2013). Para a **realização da investigação**, duas etapas serão desenvolvidas, podendo, em alguns momentos, ocorrer concomitantemente: a) **Pesquisa bibliográfica**: estudo em livros, artigos científicos, monografias, dissertações, sobre o assunto da pesquisa; b) **Pesquisa-ação**: interação entre pesquisadores e pesquisados através de ações que buscam a resolução de um problema que pertence aos dois.

A Pesquisa-ação: [...] um tipo de pesquisa social participante, com base empírica que é concebida com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo, no qual pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo [...] (THIOLLENT, 1998, p. 14)

Sob o ponto de vista da **abordagem do problema** nosso projeto considerará a **Pesquisa Qualitativa**, uma vez que desfrutamos do ambiente como fonte direta de dados, no caso, a escola, a sala de aula; em que há relação direta entre o referido ambiente e o objeto de estudo em questão a considerar a qualidade do trabalho realizado. Nesse tipo, o pesquisador se utiliza de instrumentos que procurem qualidade do que foi apreendido, como atividades de entrevista e questionário, além da observação.

Para análise qualitativa, faz-se necessário contato com o objeto de estudo, nosso caso será a prática diária pedagógica. Para Prodanov (2013, p. 70): “Na abordagem qualitativa, a pesquisa tem o ambiente como fonte direta dos dados. O pesquisador mantém contato direto com o ambiente e o objeto de estudo em questão, necessitando de um trabalho mais intensivo de campo”.

2.2 Metodologia didática

Nossa metodologia partirá, principalmente, de uma metodologia dialética que busque mobilizar o aluno para a concepção, a construção e a expressão do conhecimento linguístico e sua competência comunicativa. Desse modo, as aulas serão ministradas, colocando o educando protagonista no processo educativo através de procedimentos metodológicos amparados no diálogo durante aulas dinamizadas em leituras e releituras socializadas e humanizadoras.

As práticas didáticas foram desenvolvidas norteadas em critérios da metodologia qualitativa exploratória, pois através da qualidade pudemos analisar resultados e intervir nos eventuais problemas, não apenas avaliando, e, sobretudo, reconstruindo o planejamento didático.

Nessa concordância, constituiu a execução das práticas planejadas, seguidas de observações e reflexões. Tal metodologia objetivou mobilizar o aluno para a concepção, a construção e a expressão do conhecimento linguístico e sua competência comunicativa através da leitura de livros narrativos, da apropriação da mesma, suscitando o letramento literário.

Todas as atividades partiram da ação de contar histórias – a Contação de Histórias – fomentando a oralidade, a motivação, a diversão, a compreensão, a reflexão, a conversa, o trabalho em grupo, o letramento, o letramento literário.

3. DISCUSSÃO TEÓRICA

3.1 O Letramento literário

A leitura é de fato relevante para o indivíduo como base para atuar nos mais diversos eventos de sociedade, pois esta o compreende como atuante crítico.

Reconhecemos a importância de promover a formação de um leitor crítico o qual se faz a partir dos procedimentos em que o professor evidencia a leitura como ato prazeroso. Segundo os PCN (BRASIL, 1997, p. 33): “Valorizar a leitura como fonte de informação, via de acesso aos mundos criados pela literatura e possibilidade de fruição estética, sendo capazes de recorrer aos materiais escritos em função de diferentes objetivos”.

Compreendemos que o letramento literário surge como compreensão de estender o letramento à literatura. Pois esta é vista de forma mais ampla e assim pode funcionar como ferramenta para encontrar melhorias no processo

ensino-aprendizagem, nos mais diversos modos de letramento na escola. Nelly Coelho (2000, p.16) diz que na escola: (...) privilegiamos os *estudos literários*, pois de maneira mais abrangente do que quaisquer outros, eles estimulam o exercício da mente; a percepção do real em suas múltiplas significações; a consciência do eu em relação ao outro (...).

Sobre a Literatura voltada ao público infantil e jovem, ao expor ideias sobre *A natureza da literatura infantil*, Nelly Coelho (2000, p.28) diz que a literatura trata-se de um:

Fenômeno visceralmente humano, a criação literária será sempre tão complexa, fascinante, misteriosa e essencial, quanto a própria condição humana. Em nossa época de transformações estruturais, a noção de literatura que vem predominando entre os estudiosos das várias áreas de conhecimento é a de identificá-la como um dinâmico processo de produção/recepção que, conscientemente ou não, se converte em favor de intervenção sociológica, ética ou política.

Na escola, reconhecemos a dificuldade de apropriação da literatura por parte dos alunos, a partir das práticas de aula propriamente ditas, que possam aguçar possibilidades de motivação ao acesso a esse tipo especial de leitura que é o letramento literário.

Por acreditamos que o passo primordial para que o letramento literário aconteça é a motivação, ou seja, provocar a vontade do aluno a “entrar no texto” (grifo nosso), a escola deve visar construir uma comunidade de leitores como objetivo maior do letramento literário. (COSSON, 2006).

Cabe ainda pensar que o letramento literário deve ser entendido como condição do indivíduo letrado que gosta de ler literatura e faz isso por escolha própria. Quando um leitor apresenta essa condição ele se depara com experiências de leituras diversas e associa, especialmente, ao prazer de ler.

Segundo Cosson (2006, p. 26):

Não é possível aceitar que a simples atividade da leitura seja considerada a atividade escolar de leitura literária. Na verdade, apenas ler é a face mais visível da resistência ao processo de letramento literário na escola. Por trás dele encontramos pressuposições sobre leitura e literatura que, por pertencerem ao senso comum, não são sequer verbalizadas. Daí a pergunta honesta e o estranhamento quando se coloca a necessidade de se ir além da simples leitura do texto literário quando se deseja promover o letramento literário.

Nessa perspectiva, letramento literário compreende, por sua vez, como um dos inúmeros usos sociais da língua em seus aspectos

escritos. Nesse sentido, há de se admitir que, segundo Cosson (2006, p. 17) a “literatura preenche um lugar único no que diz respeito à linguagem, pois essa tem o poder de se metamorfosear em todas as formas discursivas [possíveis]. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada”.

3.2 Contação de Histórias

Pra mim, livro é vida; desde que eu era muito pequena os livros me deram casa e comida.

(...)

E quando a casinha ficava pronta eu me espremia lá dentro pra brincar de morar em livro. De casa em casa eu fui descobrindo o mundo (de tanto olhar pras paredes). Primeiro, olhando desenhos; depois, decifrando palavras.

Fui crescendo; e derrubei telhados com a cabeça.

Mas fui pegando intimidade com as palavras. E quanto mais íntimas a gente ficava, menos eu ia me lembrando de consertar o telhado ou de construir novas casas. Só por causa de uma razão: o livro agora alimentava a minha imaginação. (Nunes, 2010, p. 80)

A citação de Lygia Bojunga (2010) corrobora com as palavras de Freire (2007) que disse que *A leitura do mundo precede a leitura da palavra* (grifo nosso). À criança quando se apresenta a história, a curiosidade por ela, a imaginação aguçada; o letramento literário acontece com fruição.

Segundo Zilberman (2003) diz que a literatura infantil surgiu no final do século XVII, na Europa, no final do século XVII com a preocupação de que a faixa etária era diferente da dos adultos, já que a criança apresenta especificidades e sua formação deve estimular o afeto entre seus membros. Zilberman (2003) comenta esse fator como uma nova valorização da infância que deve servir de manipulação de suas emoções, assim, precisando de reformulação da escola existente do período e, juntamente com ela, a recém-criada literatura infantil, que exercia um papel essencial nesta nova sociedade, o de criar novos hábitos e passar valores aos pequenos.

Na Educação Infantil, a literatura é geralmente colocada em forma de contação de histórias.

Ao citarmos a contação de histórias, sabemos que estamos fazendo referência a uma antiga tradição popular oral, gerida por pessoas idosas que narram experiências e/ou inventam histórias. Porém, com o surgimento da tecnologia que avança de modo rápido atualmente no cotidiano popular, a ação de contar histórias tem ficado em segundo plano. E, o livro com

narrativas literárias, transforma-se em um simples objeto que contém tais histórias.

A historicidade dos contadores é vasta. Sabemos que nossos contos e causos mais conhecidos são oriundos da tradição cultural oral e que foram passados em gerações. Cavalcanti (2009) diz que as histórias antigas começaram a ser contadas nos trabalhos cotidianos em grupos, como as mulheres fiandeiras, por exemplo, que enquanto teciam os fios de lã contavam e recontavam histórias de vida. Uma tradição intimamente associada à produção de trabalho.

Outro ponto importante citar é que a prática social de contar histórias sempre teve função especial no desenvolvimento das emoções dos povos. Por exemplo, ao se reunirem em volta da fogueira surgiam infinitas emoções nos “contares e recontares” (grifo nosso) de histórias reais ou fantasiosas.

Cavalcanti (2009, p. 65) diz que os contos:

(...) os fazem ficar mais próximos dos nossos dramas existenciais, como também nos propõem que pode ser diferente se assim formos buscar a mudança, transgredindo regras e acreditando na vitória. Certo é que também, muitas vezes nos servem de válvula de escape, o que é positivo, pois necessitamos do sonho e da poesia para sermos melhores e mais maduros.

Refletindo no que disse Cavalcanti (2009) sobre sonhos e maturidade, remetemos às concepções do Letramento que se constroem em torno de leitura e sociedade. Nesse sentido, percebemos que na atualidade aguçar emoções, principalmente no aluno, é um ato de suma importância em estratégias que buscam eficácia em resultados. Afinal, professor e aluno, contador e ouvinte, são dotados de emoções e que precisam vivê-las enquanto aprendem.

Lembremos que a família é o pilar responsável pela aquisição de dos primeiros hábitos, os valores e os gostos. Assim, segundo Cavalcanti (2009, p.67): “as narrativas das histórias do mundo têm sentido apenas no momento em que se entrelaçam na história de vida do próprio sujeito.”.

E na educação sistemática? O ato de contar histórias na escola, durante muito teve a finalidade de entreter e de relaxar as crianças. Com o passar dos anos, vem ressurgindo a proposta de Contação de Histórias em encontros de formação de educadores que discutem questões acerca de metodologias que devam importância no âmbito educacional que provoque o emocional das crianças. (BRAGA, e SILVESTRE, 2002) Esse é um antigo costume popular de tradições orais que na atualidade se usa como estratégia de desenvolvimento da oralidade e consequentemente para escrita, prática comum no Ensino Fundamental das séries iniciais.

Afinal, o que é contar histórias? Podemos afirmar que é a ação do escutar que provoca a ação do recontar.

Atualmente, há uma gama de obras literárias dedicadas exclusivamente às crianças e profissionais, como autores e ilustradores, envolvidos com o trabalho de imaginação e curiosidade, reavivando interesse em leitores de todas as idades.

Para Souza e Bernardino (2011, p. 237) a contação de histórias é uma importante estratégia didática, não só para a educação Infantil, mas também para todas as séries de ensino, devido à escuta de histórias acontece o educar e o instruir, e à melhoria no processo de leitura e escrita, e, ainda, proporcionar ao leitor ouvinte uma gama de informações e conhecimentos que passam a instigar a ação criadora.

Portanto, temos a compreensão de que quando os conhecimentos são se expõem as descobertas de forma lúdica, como sugere o ato de contar recontar histórias, o processo de ensino-aprendizagem e acontece de modo mais significativo. (SOUZA E BERNARDINO, 2011)

Para adentrarmos no vasto mundo da leitura que sugere, sobretudo, a imaginação; a escola, e principalmente, o professor, levam a necessidade de colocá-la como uma prática prazerosa e não com caráter obrigatório. Há a necessidade de fazer com que o leitor, o contador, o ouvinte, construam seus saberes com fruição.

Quando falamos em contação de histórias, na escola, precisamos lembrar que o não apenas o público infantil encontra subsídios de aprendizagem com essa prática. As crianças maiores e o jovem podem e devem participar de atividades como essa a fim de alcançar os mesmos objetivos que a pré-escola alcança. Afinal, a contação de histórias surgiu entre os mais velhos.

Nesse sentido, pelas características subjetivas apresentadas, a contação de história serve como ferramenta de motivação aos diversos mundos que o livro nos apresenta, uma vez que é um trabalho realizado em grupo, e que permite, risos, gestos, diálogos, e diversas formas de interação.

A contação de história prioriza o envolvimento de três elementos: o contador, a contação e os participantes. Desse modo, com um público jovem, as histórias precisam ser adaptadas a uma realidade com patível com a idade. Unir o texto literário, como arte, aos problemas sociais, suscitando o letramento que pede que o leitor possa viver o que lê. Assim: Quando incentivamos a leitura através da literatura estamos decidindo por investir na arte. Ou seja, optamos por priorizar e acreditar no potencial de

cada estudante e no texto como um meio eficaz para garantir a permanência do leitor. (LOIZ, 2010, p. 83)

4. RESULTADOS

É notória a influência social da leitura nos mais variados espaços da vida humana, sobretudo, na atualidade. Entretanto, o contato com o livro, como já discutido, tem sido uma prática cada vez mais distante da vida social e também escolar dos nossos jovens.

O que vemos na experiência escolar é a leitura quase sempre trabalhada de forma superficial, para atender aos conteúdos curriculares necessários ao cumprimento das interpretações de texto com respostas objetivas e das teorias gramaticais e regras ortográficas. É certo que esse trabalho deve ser feito na escola. Contudo, como vem sendo discutido por estudiosos, tais questões precisam ser contextualizadas, relevantes ao conhecimento do educando e que possam se expandir à vida social deste.

No que concerne à leitura de textos literários o professor precisa tirar proveito de todo o potencial didático que eles oferecem utilizando procedimentos de aula que valorize os referidos textos. (SOLÉ, 1998)

É certo que, a literatura é indispensável à formação do aluno letrado. A literatura incita a imaginação contribuindo para que o leitor desenvolva senso crítico acerca do mundo que o rodeia. Promove autonomia, não apenas em ler, mas também em escrever, ouvir e falar. (BORDINI e AGUIAR, 1993).

E quando a realidade perpassa o que se é pretendido num determinado nível da vida escolar do aluno?

Nosso problema a ser contado neste resumido relato de experiência partiu de uma diagnose que se constatou a deficiência de leitura e de compreensão de textos com alunos em uma turma de sexto ano, em idades de onze e doze anos. Notamos, ainda, que a referida dificuldade afetava, claramente, a evasão escolar e a falta de motivação e participação nas aulas, mais um motivo para adotar ação intervencionista.

Daí surgiu a inquietação: Como inserir a leitura de uma obra literária infantojuvenil com alunos que possuem certa precariedade na leitura e conseqüentemente, na compreensão da mesma? Sabemos que, em geral as obras literárias propostas para o nível Fundamental II oferecem narrativas extensas, poesias compostas por linguagem ampla e subjetiva, por exemplo. Realidade distante do público a ser trabalhado.

Analisando toda essa problemática, pensamos trabalhar narrativas infantis de cunho social a serem escolhidas para que a promoção da motivação pudesse acontecer. Para tanto, escolhemos temas atuais contados numa linguagem acessível às dificuldades supracitadas dos alunos, pois mesmo sendo “historinhas”, (grifo nosso) pensamos que elas seriam viáveis para dar início ao processo de integração da obra literária nas aulas diárias.

Colocamos a proposta de Contação de Histórias, como pontapé inicial (ocorreu no primeiro bimestre do ano letivo). Assim, trabalhamos a oralidade, leituras e releituras, rodas de discussões, trocas diárias de obras literárias, dentre outras com o mesmo objetivo: ler com prazer.

Executamos um projeto didático realizado numa escola pública do município de Sapé, Paraíba, com 25 alunos, em uma turma de sexto ano do Ensino Fundamental II.

Trabalhamos em duplas, ou grupos maiores, em espaços variáveis da escola, muitos sentados no chão à vontade. Um aluno lia a história narrada na obra para o colega, com o objetivo de incentivá-lo à leitura posterior desse mesmo livro. Nesse momento, a troca de livros acontecia todos os dias, visto que, as leituras eram curtas e o tempo suficiente para que o trabalho fosse feito. Assim, ainda, conseguimos visitas cotidianas à biblioteca da escola.

Nesse processo, o contador de história é o próprio aluno. Este, além de contar a história tinha a missão de envolver o(s) colega(s) na narrativa.

Para essa atividade era colocada três aulas semanais dividida em três dias. A leitura se estendia para casa e todas as sextas-feiras acontecia o momento de discussão dos temas, o qual intitulamos de *Hora do Debate*. Essa aula compreendia a discussão de questões sociais colocadas nas narrativas e sempre com atividade de produção de texto como atividade para casa. Nas produções eram sugeridas novas narrativas escritas sobre o tema social do livro lido pelo educando.

Na contação de histórias, nossa preocupação foi de interligar os assuntos de cunho social atual às características das narrativas que representam o cotidiano de forma a promover a leitura, a discussão e, sobretudo, aproximação com o livro, com a literatura. E, lembramos de focar a linguagem não-verbal e seus múltiplos sentidos. Assim, precisávamos que tudo estivesse integrado em cada momento de trabalho na sala de aula e fora dela também. Afinal, contar histórias é uma atividade para aguçar a imaginação, o encantamento e uma forma divertida de incentivar a leitura e promover o letramento literário.

Para a contação de histórias escolhemos livros infantis, por serem leituras de enredo curto. Contudo procuramos enfatizar, além da leitura e

discussão do texto, a temática envolvida em cada um deles.

Foi possível reconhecer, também, que a sugestão de releituras com intertextualidades foi pertinente para a motivação sobre os assuntos discutidos e devidamente trabalhados. E, também, que as dinâmicas animadas contribuíram para o bom andamento das ações. Neste momento, procuramos atender o objetivo principal de conscientizar os alunos sobre a importância da valorização da leitura e suas possibilidades de visão de mundo, de forma lúdica e atraente.

CONCLUSÕES

Sabemos que o ambiente escolar deve ser propício à participação social que contemple, ainda, a oralidade e a escrita, e a cultura destas.

Bortoni (1993) coloca o professor como protagonista do movimento supracitado. Ela diz que o professor da escola regular ora assume o papel de um pesquisador em formação. Os projetos mostram ao professor que é possível realizar pesquisa em sua sala de aula, na comunidade escolar da qual participa, enfatizando o processo de aprendizagem.

Percebemos que a atividade de *Contação de Histórias*, a partir de narrativas diversas de cunho social, fomentando discussões de vivências dos próprios alunos, funcionou como elemento de apoio ao professor para contornar os desafios da desmotivação que cerca nossos alunos de apropriar-se do livro, da obra literária.

Nosso aporte teórico foi imprescindível em todo o processo de execução das ações planejadas ao alcance dos objetivos pré-estabelecidos.

A concretização do planejamento das ações do projeto contribuiu, portanto, como geradoras de ideias, a partir das que eram interessantes para o processo.

Desse modo, foi possível chegar ao universo social do aluno, sobretudo, apresentando a ele uma das mais fascinantes vertentes da linguagem que é a leitura com autonomia.

Nesse sentido, tivemos, com a execução das ideias desse projeto, uma base para surgirem outras ideias. Terminamos essa etapa de desenrolar do projeto com a satisfação em ver que o que projetamos era pouco perto do potencial de nossos alunos, visto que a maioria desenvolveu de modo realmente participativo e crítico diante das situações.

Algumas esperas nossas deixaram a desejar, assim sabemos que há a dificuldade de concluir satisfatoriamente com 100% (cem por cento)

de aproveitamento. Porém, conseguimos muitos avanços e a melhoria do rendimento e aumento significativo de frequência escolar destes alunos que já apresentam desmotivação e desinteresse.

Assim, pudemos contar com as curiosidades, indagações e ansiedades extraídas dos nossos adolescentes. Acreditamos que nossa metodologia permitiu aguçar o sentimento de responsabilidade na busca pela reflexão crítico-social, ponto crucial do letramento que tanto almejamos.

Contar experiências vividas na prática escolar é tão importante quanto planejar a aula antes de executá-la. No relato de experiência temos um instrumento fundamental para reflexão do trabalho desenvolvido a fim de ampliar os acertos e rever o que foi negativo, pois acreditamos que é através desse registro de impressões que vemos que se pode melhorar nos métodos e estratégias.

Promover os processos de ensino-aprendizagem de literatura como uma prática, sobretudo significativa, deve ser prioridade no ambiente escolar. Porém, para que isso aconteça de forma eficiente, faz-se necessário compreender o valor e a função da literatura como forma de leitura socialmente prazerosa. Porém, deixar as práticas usuais ampliando o estímulo à leitura no ensino básico é um grande desafio para o professor.

Convém ressaltar que as ações aqui expressas são totalmente passíveis de flexibilidade à medida que se percebe as necessidades das turmas envolvidas no processo de execução e avaliação.

Em suma, trabalhamos mais que linguagem, mais que leitura: buscamos o imprescindível que é acreditar no potencial próprio, a prática do ser.

REFERÊNCIAS

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola, 2008.

BRAGA, Regina Maria; SILVESTRE, Maria de Fátima Barros. **Construindo o leitor competente: atividades de leitura interativa para a sala de aula**. São Paulo: Petrópolis, 2002.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: 1997.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica.** 3 ed. São Paulo: Paulus, 2009

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: Teoria, análise, didática.* São Paulo: Ed. Moderna, 2000.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática.** São Paulo: Contexto, 2006.

LOIZ, L. **Teoria prática da formação do leitor: leitura e literatura na sala de aula.** Porto Alegre: Artmed, 2010.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1997.

NUNES, Lygia Bojunga. **Corda Bamba.** 22 ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2006.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros.* São Paulo: Autêntica 1999.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura.** Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, L. O; BERNARDINO, A. D. **A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental.** Revista de Educação Educere Et Educare, v. 6, n. 2, p. 235-49, jul./dez. 2011. Disponível em: <e-revista.unioeste.br> Acesso em: 19 Mai 2018.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação.** 8. ed. São Paulo: Cortez, 1998. In: PRODANOV, Cleber Cristiano. Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** São Paulo: Global, 2003.